

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL NA AMAZÔNIA NO CONTEXTO DA OBRA “VIAGEM DAS IDEIAS”

Alessandra Rufino Santos

Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM)

e-mail: alessandra_rufino@oi.com.br

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre a formação do pensamento social na Amazônia a partir do que é exposto na obra “Viagem das idéias”, escrita por Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto. Tal discussão visa facilitar o entendimento da Amazônia, apontando as distintas representações sobre esta região. O modelo que orientou o processo metodológico deste trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica, que delimitou a estrutura do pensamento social sobre a Amazônia, possibilitando assim a compreensão de que o processo de ocupação e apropriação da Amazônia nas últimas décadas esteve pautado na crença da modernização como a única força capaz de “desenvolver” a região, não importando o seu custo social, cultural e político.

Palavras-chave: Amazônia; Pensamento social; Viagem das idéias.

Abstract

This article presents a discussion on the formation of social thought from the Amazon that is exposed in the book "Journey of ideas," written by Ernest Renan Melo Pinto de Freitas. This discussion is intended to facilitate the understanding of the Amazon, pointing distinct representations on this region. The model that guided the methodological process of this work was based on the literature review, which delineated the structure of social thought on the Amazon, thus enabling the realization that the process of occupation and ownership of the Amazon in recent decades has been guided by the belief of modernization as the only force able to "develop" the region, regardless of its cost social, cultural and political.

Keywords: Amazon; Social Thought; Travel of ideas.

Notas introdutórias: Uma contextualização da obra “Viagem das idéias”

Conhecida por sua dimensão territorial e por ser uma região extremamente complexa e diversificada, a Amazônia destaca-se como uma região estratégica para o Brasil, embora sua integração ao desenvolvimento sócio-econômico nacional ainda seja considerada problemática e conflituosa.

Diante desse contexto, desenvolver uma discussão em torno do debate acerca do processo de formação do pensamento social que se construiu na Amazônia é tarefa fundamental para expressar a complexidade das representações negativas que foram elaboradas sobre o processo de desenvolvimento econômico, político, social e cultural dessa região.

De acordo com Cruz (2006, p.63), o modelo que orientou o processo de ocupação e apropriação da Amazônia nas últimas décadas esteve pautado na crença da modernização como a única força capaz de “desenvolver” a região, não importando o seu custo social, cultural e político. Essa ideologia pautada numa espécie de “fundamentalismo do progresso” justificou um conjunto de práticas e representações marcadas pelo colonialismo que serviam e ainda servem para justificar a subalternização dos povos considerados tradicionais.

Conforme sustenta Rocha (2006, p.146) não é possível entender a Amazônia sem conhecer no passado e no presente da região o genocídio dos povos indígenas, a exploração da mão de obra escrava e a devastação para gerar a riqueza que tem sido apropriada por tão poucos. Soma-se a isso a necessidade de desconstruir a idéia de que a Amazônia se tornou uma região atrasada e subdesenvolvida.

Em decorrência dessas preocupações, Oliveira (2008, p.07) argumenta que a obra “Viagem das idéias”¹, escrita por Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto², é extremamente importante para proporcionar uma interpretação crítica sobre a Amazônia. A referida obra resgata artigos publicados pela imprensa entre os anos de 1997 a 1999 e transforma-os em livro com a finalidade de apresentar reflexões em torno da história das idéias e da formação do pensamento social na Amazônia.

Oliveira (2008, p.07) complementa afirmando que a obra de Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto está agrupada em quatro partes: Na primeira, os ensaios têm como tema a discussão universal articulada à interpretação do Novo Mundo, tendo como base de análise autores clássicos como Hegel, Montaigne, Buffon, Montesquieu. Na segunda parte, são recuperados os relatos de Acuña, La Condamine, Avé-Lallemant, Alfred Wallace, Louis e Elizabeth Agassiz. Na terceira são analisadas as interpretações sobre a Amazônia. E, finalmente, na quarta parte, são discutidas as obras de autores que nasceram ou viveram na Amazônia, tais como: Araújo Lima, Eduardo Galvão, Djalma Batista e Arthur Reis.

De um modo geral, os escritos analisados na obra correspondem aos seguintes aspectos: De um lado, a projeção sobre o desconhecido, os símbolos, os contos e as fábulas.

¹ Obra publicada no ano de 2006 pela Editora Valer.

² Doutor em Ciências Sociais e professor titular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

De outro, a observação direta e a objetividade contida em descrições geográficas na forma cartográfica. Isso demonstra que “Viagem das idéias” não é somente um livro de análise do pensamento sobre a Amazônia, mas contém também uma análise importante sobre o que a Amazônia foi e o que ela é.

Pinto (2008, p.13) sustenta que a presente obra sugere que as idéias, ao percorrerem espaços próximos e distantes, conectam homens e épocas. Além do mais, possuem a capacidade de se impor como o sistema de pensamento predominante, a partir do qual se passa a sentir, a agir e a perceber o mundo das coisas e dos homens.

Nessa perspectiva, a obra, em estudo, sugere que o processo de formação do pensamento que se construiu na Amazônia, como um espaço natural e cultural, vem ao longo desses cinco séculos produzindo e continuamente reinventando, a partir de um conjunto relativamente limitado de idéias, as percepções que se tornaram as mais persistentes, dentro do quadro mais amplo e diversificado da geografia do Novo Mundo. Um outro aspecto ressaltado por Pinto (2008, p.13) é que embora a história das idéias sobre a Amazônia tenha envolvido uma gama bastante diferenciada de campos da ciência e do pensamento, a mesma tem se concentrado de forma especial em áreas como a da história natural, geografia e antropologia.

Para Pinto (2008, p.15) fica evidente, portanto, que a Amazônia como um dos espaços mais característicos do Novo Mundo esteve, desde o início da construção da filosofia do mundo moderno, presente nas reflexões em torno de temas como o surgimento da sociedade e do Estado, do reconhecimento da desigualdade entre os homens e os povos, das novas geografias, e continua a fornecer alimento para a recriação de novas polarizações, como a recriação do bom selvagem em idéias como a de “povos da floresta” e de “ribeirinhos”.

Dessa maneira, investigar a história das idéias que dão forma ao pensamento social sobre a Amazônia implica ressaltarmos que o desenvolvimento das matrizes do pensamento ocidental, que se aproximam e se envolvem com o conjunto das idéias que constituem o pensamento social sobre a Amazônia, em alguns casos se refere a pensadores que não trataram diretamente da região, mas que se envolveram com questões que se relacionam profundamente com as idéias centrais que têm sido utilizadas para descrevê-la, pensá-la, interpretá-la.

Sendo assim, é importante reconhecermos a Amazônia não apenas como um ambiente ecológico, mas também como um ambiente humano, que possui uma história social, política e

econômica que se inicia antes mesmo do surgimento da própria palavra Amazônia³. Em decorrência disso, devemos reconhecer que não há uma visão verdadeira do que seja a Amazônia, pois a verdade do colonizador não é a mesma que a colonizado. Muitas vezes os diferentes agentes que atuam na região tentam impor sua verdade. Por isso, que quando se fala em Amazônia precisamos estar atentos para sabermos de que Amazônia estamos nos referindo. Nessa conjuntura, o eixo condutor do presente artigo é a formação do pensamento social a partir da organização do espaço amazônico. Para facilitar a compreensão de tal pensamento buscaremos suporte na visão dos estudiosos que são analisados em “Viagem das idéias”.

A formação do pensamento social a partir da organização do espaço amazônico

As imagens atuais do espaço amazônico retratam as tendências de novas configurações relacionadas às estratégias de ordem política, econômica e social. Nesse sentido, para Gonçalves (2010, p.20), a imagem mais comum do que seja a Amazônia é a de que se trata de uma imensa extensão de terras, onde o principal elemento de identificação é a natureza, praticamente incontrolável, que a história nos legou intocada. Nessa perspectiva, a visão que se tem do espaço amazônico refere-se a representação que a cultura dominante ocidental construiu a partir de sua realidade, tornando-se fundamental na discussão sobre o futuro da humanidade e do próprio sentido da vida.

É importante salientar que essa representação dominante que se tem sobre a Amazônia é uma visão imposta pelo colonizador, podendo ser considerada uma visão de quem não vive na região, além de fortalecer a idéia de que a Amazônia é uma região periférica, que está a margem do contexto nacional.

Diante desses fatos, Gonçalves (2010, p.35), defende a concepção de que as pessoas que se propuseram a dominar o espaço amazônico tenham acentuado a mão-de-obra, a idéia de vazio demográfico. Isso justifica a concepção de que desde o período colonial, a Amazônia tem sido objeto de um debate voltado para a internacionalização. Em outras palavras, Becker (2001, p.139) assegura que a ocupação da Amazônia se fez em surtos devassadores ligados à valorização momentânea de produtos no mercado internacional, seguidos de longos períodos de estagnação.

³De acordo com Gondim (2007) a Amazônia não foi descoberta e sequer foi construída. Foi inventada pelos europeus, já que os primeiros viajantes construíram narrativas que caem na cegueira da confirmação das verdades científicas.

A tentativa de derrubar florestas para implantar sistemas agropastoris com base em tecnologia elaboradas para outros ecossistemas é, para Campos (2004, p.02) catastrófica e reforça que o Estado controla aquilo que deve ser distribuído ou integrado, tornando-se elemento fundamental no processo de organização do espaço amazônico, através de planos e projetos de infra-estrutura.

Pinto (2008, p.45) evidencia que fatores são capazes de explicar por que certos povos e regiões do mundo se transformaram em palco de importantes mudanças. O mesmo reconhece que ao longo dos três últimos séculos tem se produzido em torno da Amazônia um considerável acervo de pensamento sobre o homem, a sociedade e suas relações com a natureza. Entretanto, é necessário admitir que o conhecimento atual sobre tais temas pode ser considerado bastante fragmentado e incompleto. Por isso, que a obra *Viagem das idéias* destaca a necessidade de reconstruir pacientemente o pensamento social sobre a Amazônia tal como ele tem sido concebido no âmbito da filosofia, dando destaque ao processo de elaboração e representação de dados oferecidos ao pensamento.

Desse modo, para Pinto (2008, p.34) reconstruir o pensamento social significa, além de compreender os movimentos de seleção, elaboração e interpretação dos dados e dos objetos que se transformaram nas diferentes representações do universo social da Amazônia, restabelecer a possibilidade de uma “história das idéias” e de uma sociologia de novas bases.

A sugestão para facilitar a reconstrução do pensamento social é reconhecermos que a Amazônia despertou a curiosidade de muitos estudiosos que em busca pela compreensão dos processos de inter-relação entre o homem e a natureza, produziram discursos determinantes para a construção da sociedade e cultura amazônica.

Costa (2007) esclarece que a Amazônia primeiramente foi revelada pelo olhar dos viajantes, missionários e naturalistas, que se prendiam ao fascínio do estranho. No decorrer dos anos, passou a ser interpretada por outros pensadores que foram capazes de elaborar obras que se tornaram símbolos de rupturas e de novos cursos em busca de um pensamento social amazônico.

Sob essa perspectiva, Pinto (2008, p.199) enfatiza que existe hoje o reconhecimento de que no grande e variado conjunto de obras que tem se acumulado sobre a Amazônia, sobretudo nos últimos 250 anos, alguns momentos privilegiados se destacaram e ajudaram a construir o que podemos denominar de “pensamento social”. É o caso dos autores que, além do cuidado com o relato da natureza, das riquezas, da paisagem, da descrição de vilas e cidades, da produção extrativa e da multiplicidade dos povos indígenas, observaram, mesmo que de pontos de vistas unilaterais, aspectos relacionados com processos sociais e culturais

que pudessem de algum modo contribuir para a compreensão da gênese e desenvolvimento de um novo universo humano na Amazônia.

Pinto (2008, p.200) enfatiza ainda que se não custa muito reconhecer quanto a Amazônia está ligada aos processos de instituição de campos das ciências humanas, mas difícil tem sido determinar com precisão a contribuição real de vários autores que sobre ela realizaram empreendimentos investigativos. Batista (2006, p.21), por sua vez, complementa argumentando que entre os interpretes da Amazônia sobressai um nome que ocupa a primeira plana das letras nacionais: Euclides da Cunha. Foi ele que deu nexos à formação do pensamento social sobre a Amazônia, traçando diretrizes seguras aos estudos amazônicos. Depois dele se inaugurou um novo modo de pensar a Amazônia, já que sua obra foi elaborada com a finalidade de reconstruir o pensamento produzido sobre a região.

Em relação às idéias políticas de Euclides da Cunha, Pinto (2008, p.203) sugere que sua interpretação da Amazônia pode ser aproximada às suas idéias de socialista, examinando-se, por exemplo, o conteúdo do manifesto socialista que redigiu e que na verdade os seus estudiosos parece não terem levado em consideração como um possível elemento esclarecedor de seu modo de compreender e idealizar a sociedade amazônica. Isso justifica porque Euclides da Cunha buscou entender a Amazônia através de sua face primitiva, rústica e atrasada, insistindo na idéia de que essa é uma parte da terra ainda em formação, portanto, ainda em desordem e assim não preparada para receber a civilização.

Dentro desse raciocínio, Tocantins (2001, p.278) nos informa que até meados do século XX foi em torno dos rios que se organizou a vida das populações amazônicas. Para o mesmo, os rios contribuíram para o progresso da Amazônia, pois tornaram possível a sua conquista ao assegurarem a presença humana na região. Desse modo, podemos dar ênfase a seguinte concepção: os rios serviram para diferentes atividades que foram desenvolvidas com a finalidade de explorar a floresta, os campos e as várzeas.

Entretanto, Gonçalves (2010, p.79) afirma que a partir da década de 1960 os rios deixaram de ter tanta influência na vida dos povos amazônicos, já que os interesses se deslocaram para as riquezas minerais da região que poderiam ser encontradas no subsolo. Além do mais, gestores territoriais civis e militares passaram a defender um discurso político interessado em integrar o espaço amazônico ao resto do país. Para isso, o regime ditatorial ofereceu as condições necessárias para atrair os grandes capitais do centro-sul do país e internacionais. Porém não se atentou para as conseqüências desse processo, visto que os diversos sentidos de valorização dos recursos naturais da Amazônia passou a ser razão de intensos conflitos dos seres humanos com a natureza.

A exploração da natureza amazônica pelos seres humanos permitiu a apropriação da Amazônia por uma lógica capitalista explícita. Rampazzo (1997, p.24) argumenta essa inferência pode nos ajudar a entender que a exploração da natureza está intimamente ligada ao avanço do complexo desenvolvimento tecnológico, científico e econômico que, muitas vezes, tem alterado de modo irreversível o cenário do planeta, através da erosão e a perda da fertilidade dos solos; destruição da floresta; dilapidação do patrimônio genético e da biodiversidade; contaminação dos solos, da água, dos animais silvestres, do homem do campo e dos alimentos.

Como as diferentes fases de modernização têm como base o sistema capitalista, o novo padrão de organização do espaço amazônico, que se instaurou a partir dos anos 1960, tem na construção de rodovias seu eixo de estruturação. Esse contexto nos estimula reconhecer que para Gonçalves (1998, p.103) a abertura de estradas e o barramento dos rios, para fornecer mais energia, foram tarefas assumidas pelo Estado. Nessa mesma perspectiva, o mesmo autor alerta que embora as estradas estejam abertas a todos, nem todos dispõem das mesmas condições sociais e do mesmo poder econômico e político para tirar proveito dessa acessibilidade.

Fica evidente, portanto, que o conflito protagonizado pelos diferentes sujeitos que organizaram o espaço amazônico é intenso e desigual, principalmente para os povos tradicionais da região e para as famílias de trabalhadores migrantes que se deslocaram para a região atraídos pela forte motivação que traduz o desejo de encontrar uma nova terra, na qual todas as suas aspirações poderão ser concretizadas.

Embora a imagem da Amazônia esteja sempre associada à floresta e aos rios, sua geografia humana tornou-se essencialmente urbana. Dentro de uma ótica global, a configuração da paisagem social urbana passou a ser dotada de contradições geradas pelo modelo de desenvolvimento capitalista, que, sem dúvida, proporcionou a desestruturação do espaço amazônico por meio da “desordem ecológica e social”.

Conforme argumenta Freitas (2007, p.34) refletir sobre a formação do pensamento social na Amazônia tem a ver com a compreensão dos caminhos assumidos pela intervenção política nessa área. Significa ainda buscar explicações para a rotinização das interpretações que se transformaram em senso comum e que acabam por “justificar” as medidas políticas assumidas.

Assim, torna-se possível reconhecer que o pensamento se materializa por intermédio das idéias e dos conceitos estruturados. Nesse sentido, para Freitas (2010, p.26) o ato de pensar constitui uma dimensão importante da condição humana, configurando-se como o

agente-motor da história universal. É nesse universo sistêmico que se insere a contribuição da obra “Viagem das idéias” para a reconstituição do pensamento social tal como um processo de elaboração e representação das idéias.

A Amazônia e suas representações: O espaço amazônico sob o olhar de distintos autores

A Amazônia possui uma complexidade que abriga uma extraordinária diversidade de ecossistema, de grupos sociais e peculiaridades locais. Gonçalves (2010, p.17) complementa afirmando que aparentemente parece ser fácil caracterizar essa região, que está associada a imagem de uma grande área localizada na porção centro-oriental da América do sul, cortada pela linha do Equador, com um clima quente e úmido, coberta por uma densa floresta tropical úmida, banhada por uma extensa bacia hidrográfica, habitada por uma população constituída basicamente por populações indígenas e que abriga riquezas naturais incalculáveis. Sem dúvida, é essa imagem, que foi contraditoriamente construída ao longo da História, que está praticamente consagrada na literatura - seja ela didática, científica e artística - e nos meios de comunicação.

O diálogo entre diferentes culturas e saberes reforça a representação de que existem várias amazônias na Amazônia. Conforme assegura Gonçalves (2010, p.09-10), há a Amazônia da várzea e da terra firme. Há a Amazônia dos rios de água branca e a dos rios de águas pretas. Há a Amazônia dos serrados e dos manguezais. Há uma Amazônia da mata e uma Amazônia desmatada. Há uma Amazônia do latifúndio e uma Amazônia do camponês que planta. Tantas amazônias acabam remetendo a uma nova imagem sobre a Amazônia: A que denuncia o desmatamento e o perigo para o equilíbrio do planeta, ressaltando o conflito e a violência.

Diante de tantas amazônias devemos optar por aquelas que proporcionam uma vida melhor, não só para os seus habitantes, mas também para o planeta. Poucas são as regiões do mundo que nos coloca diante dessa escolha. Também devemos reconhecer que na obra “Viagem das idéias”, seu autor faz questão de deixar claro que no caso da Amazônia, a construção da nação brasileira a tomava como um vazio e um vazio complicado a ser incorporado ao todo nacional, que na realidade não chegou a existir.

Essa idéia de Amazônia como vazio indica, para Pinto (2008, p.232), que a identidade nacional não admitia, para sua conformação, que existissem agrupamentos e populações com a vida cultural própria. Naturalmente sabia-se que na Amazônia havia gente vivendo. Mas na formulação do vazio, essa gente não representava uma existência histórica capaz de integrar a

idéia de nação. De um modo geral, essas idéias estão impressas no inconsciente coletivo das pessoas que vivem ou não na região e aparecem no conjunto de representações reais e imaginárias que denominam a presença da natureza despovoada, da paisagem sem homens e do colorido das formas naturais sem as tensões.

As questões que já foram expostas só reforçam a idéia de que a região amazônica vem sendo construída desde a chegada do colonizador europeu ao novo mundo. A obra “Viagem das idéias” complementa essa concepção, deixando transparecer em seu discurso introdutório que crônicas, relatos de viagens, relatórios de expedições, além da cartografia, têm contribuído para a formação de uma visão sobre a Amazônia.

De acordo com Cruz (2011) a Amazônia tem sido representada como região natural, inferno verde, vazio demográfico, vazio cultural, fonte incomensurável de riquezas e região do futuro. Apesar das características preponderantemente associadas à região terem se transformado bastante no decorrer dos séculos, alguns elementos permanecem em torno dessas representações. Bueno (2008, p.78) destaca que se a expressão “inferno verde” foi originalmente atribuída à região devido ao calor, aos insetos, à dificuldade de penetração na densa floresta e pode ser hoje uma alusão às freqüentes queimadas que nela ocorrem.

Bueno (2008, p.79) justifica ainda que essas representações expressas em relação a Amazônia são também constitutivas da própria região. Isso significa que a Amazônia é continuamente reconstruída de maneira a manter-se consistente com o sistema de avaliação utilizado pelos indivíduos em relação a ela.

Diante dessas questões acerca das representações sobre a Amazônia, a obra “Viagem das idéias” torna-se extremamente importante para a compreensão das representações que distintos autores elaboram sobre o espaço amazônico. Pinto (2008, p.16) contribui com essa constatação ao enfatizar que existem leituras de obras necessárias para que possamos reconstruir o quadro de representações sobre a Amazônia. Entre essas obras é possível destacar a importância de “Os canibais”, ensaio de Montaigne sobre a vida dos indígenas que os europeus encontraram na América. Embora a referida obra tenha ajudado a fundar uma das vertentes da antropologia assentada em um ponto de vista relativista, as idéias antropológicas de Montaigne foram idéias derrotadas e ficaram relativamente esquecidas até o presente.

Buffon, por sua vez, foi um pensador que teve suas idéias largamente aceitas sobre o Novo Mundo. O mesmo caracteriza a Amazônia como um experimento da natureza ainda em formação, mas que apresenta condições desfavoráveis ao pleno desenvolvimento das formas de vida naturais e humanas. É importante destacar que Pinto (2008, p.20) associa as idéias de Buffon às idéias de Hegel, pois este último utiliza, em “As Lições sobre a Filosofia da história

universal”, exemplificações próximas às de Buffon, principalmente no que diz respeito à relação entre a geografia e a civilização. Alexandre Rodrigues Ferreira, autor da obra “Viagem filosófica”, também utiliza argumentos e exemplos inspirados nas idéias de Buffon, defendendo a caracterização negativa das terras e gentes da Amazônia, propondo o estudo dos povos indígenas como um ramo da história natural.

Samuel Fritz também contribuiu de forma decisiva para construir a idéia de Amazônia que tem estado presente na atualidade. Segundo Pinto (2008, p.23), sua obra “Diário de Viagem” constitui um momento inaugural do pensamento social sobre a Amazônia e em particular sobre o pensamento antropológico, uma vez que além de nos oferecer informações sobre a ocupação da Amazônia por espanhóis e portugueses, é considerada como uma das expressões da literatura de revelação do vale amazônico.

Entre esses primeiros autores que elaboram diferentes representações sobre a Amazônia, Pinto (2008, p.24) menciona a importância do padre João Daniel, autor da obra “Tesouro descoberto no rio das Amazonas”. O referido autor que institui o que poderíamos reconhecer como um novo padrão científico de interpretação da Amazônia, via essa região não apenas como uma das regiões mais ricas do mundo do ponto de vista de seus recursos naturais, mas também procurava alertar sobre a necessidade do fim da escravidão indígena, que para ele constituía a maior evidência do atraso social e político do vale amazônico.

Outro padre, Cristóvão de Açuña, autor de o “Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas”, também se tornou uma grande referência para a compreensão da Formação do Pensamento Social na Amazônia. Um exemplo disso é que seu relato constituiu um dos documentos fundadores do pensamento sobre essa região, já que tratou de um mundo que até então era mal conhecido e que, por isso, possuía o valor de verdadeira fonte de revelação.

O discurso de La Condamine não é diferente do discurso dos autores citados anteriormente. Constitui, na verdade, um momento decisivo da história da ciência do século XVIII. O mesmo reconhecia e julgava fundamental o conhecimento indígena para a realização do inventário do Novo Mundo. Entretanto, apesar ter reconhecido a existência de um vasto conhecimento indígena sobre o meio natural e de técnicas apropriadas para a sua exploração, La Condamine expressou uma atitude etnocêntrica em relação aos povos indígenas.

Robert Avé-Lallemant, autor do livro de viagem “No Rio Amazonas”, também registrou suas impressões sobre o Novo Mundo. Seu relato voltou-se para a Geografia e história social do cotidiano do século XIX na Amazônia e era dotado dos juízos de valor e dos preconceitos correntes no século em torno das populações amazônicas. Tais preconceitos eram relacionados com a preguiça, a licenciosidade moral, a sensualidade, o primitivismo

técnico e econômico, a ausência de interesses por atividades ligadas ao lucro e ao enriquecimento, etc. Contudo, é necessário reconhecer que seu texto possui significado etnográfico e sociológico e é constituído de elementos substanciais para os pesquisadores da história social do século XIX na Amazônia.

O livro “Viagem ao Brasil”, de Louis e Elizabeth Agassiz é outra obra essencial para conhecermos a Amazônia dos meados do século XIX, em particular no que diz respeito à história da organização familiar e das relações culturais entre os índios e brancos no horizonte limitado de uma sociedade marcada por valores rurais. Pinto (2008, p.191) reconhece que sua marca principal é ser um livro escrito de um ponto claramente feminino e é exatamente esse olhar particular que o diferencia como percepção da paisagem e dos fatos humanos presenciados no decorrer do século XIX.

O livro “Viagens pelos rios Amazonas e Negro”, de Alfred Wallace, também merece ser destacado como uma obra que contribui para o conhecimento dos paradigmas da ciência do século XIX e seus desdobramentos até o século XX. Seu autor foi um dos que ajudou a desconstruir o mito da Amazônia como lugar de clima infernal e impróprio para o desenvolvimento da civilização. Defendia a região como um espaço potencial para a expansão do progresso. Viu nos povos nativos da região uma superioridade em relação aos demais povos nativos do Brasil e mesmo do resto da América do Sul, comparando-os com povos do noroeste norte-americano.

As abordagens sobre a Amazônia e suas interpretações destacadas na obra “Viagem das idéias” não escapam de questões relacionadas com o racismo, o exotismo e o progresso. Em cada abordagem, em cada autor, tais questões podem se completar em diferentes gradações. Do ponto de vista da construção de uma identidade nacional brasileira, a Amazônia tem sido mobilizada como a representação mais acentuada e contrastada do atraso nacional, do primitivismo dos moldes de vida e da dificuldade maior da integração nacional. Pinto (2008, p.109), reforça que a idéia de pobreza durante muito tempo não apareceu associada às populações da Amazônia. Essa era a idéia de seus primeiros observadores e intérpretes. A pobreza, portanto, e as representações do povo como um povo pobre são conseqüências dos processos recentes de dominação.

Pinto (2008, p.151) lembra no decorrer das suas análises que existe na Amazônia uma longa tradição de ciência e que os cientistas que contribuíram para construir essa tradição caracterizam seu modo de investigar, atuando simultaneamente em diferentes campos. Essa é a característica do trabalho científico de pioneiros como João Daniel, Alexandre Rodrigues Ferreira e que se reflete na obra de poucos cientistas do presente como Araújo Lima, Arthur

Cézar Ferreira Reis e Djalma Batista. As obras de ambos representam um momento privilegiado e rico do pensamento social sobre a Amazônia, pois além de contribuírem com o processo de desenvolvimento regional, demonstram que as representações realizadas sobre a Amazônia desempenham um papel fundamental na dinâmica das relações sociais.

Notas conclusivas: Uma atualização da obra “Viagem das idéias” a partir dos pressupostos da teoria crítica

A construção do presente artigo, que tomou como referência a obra “Viagem das idéias”, proporcionou o surgimento de diferentes questionamentos e interpretações sobre a Amazônia. Ficou evidente que a contradição do espaço amazônico pode ser facilmente percebida dentro de diversos âmbitos. Do ponto de vista sócio-econômico, por exemplo, para Fleicshfresser (2006) o patrimônio natural amazônico está na origem de uma série de conflitos pela posse de seu uso, uma vez que a Amazônia tornou-se uma fronteira de expansão para as atividades produtivas que dependem de recursos naturais.

Dentro desse cenário, o discurso de Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, autor da obra “Viagem das idéias”, tornou-se fundamental para a formulação de uma teoria crítica consistente para a região. Na concepção de Adorno e Horkheim (1985), a teoria crítica, é uma teoria fundamentada epistemologicamente na necessidade de superar o dualismo entre o cientista individual, produtor autônomo do conhecimento, e a totalidade da atividade que o rodeia.

Dentro dessa análise cabe a ressalva de que Pinto (2008, p.241) preocupa-se em articular uma aproximação entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional. O mesmo toma como princípio básico a concepção de que o mundo natural molda fortemente as sociedades e os agrupamentos humanos.

Nesse sentido, não podemos esquecer que é a partir do mundo natural que se esboçaram as primeiras teorias que buscavam os elementos possíveis para estabelecer as causas das diferenças entre os homens e sua vida material e espiritual. Em decorrência disso, Pinto (2008, p.242) expressa que uma boa parte do que conhecemos hoje como etnociências, isto é, ciências que se fundamentam no conhecimento produzido pelas sociedades indígenas e locais, foi praticada no Brasil e na Amazônia.

A principal tendência da obra “Viagem das idéias” é nos ajudar a reconhecer que a teoria crítica é aquela que não se reduz somente a uma realidade, mas sim a um campo de possibilidades. Dessa maneira, podemos considerar que a tarefa dos pensadores que estudam a

Amazônia é definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas que possam dar ênfase à análise crítica das lutas políticas, sociais e culturais.

Tudo o que foi exposto até aqui nos estimula a compreender que interpretar a Amazônia de forma crítica é o novo desafio para uma nova forma de pensar. Sem dúvida, a leitura de “Viagem das idéias” facilita o entendimento de que a teoria crítica engloba um conjunto disciplinado de práticas, mas também representa de forma considerável o corpo de conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade.

Pensar de forma crítica nos ajuda, de um modo geral, olhar para o passado da Amazônia com a finalidade de encontrar possíveis soluções para o seu futuro. Nos motiva a corrigir nossas impressões e desafiar nossas opiniões, além de reconhecer que nossas ações podem ser descritas e explicitadas em diferentes planos da experiência.

O cenário da situação atual da Amazônia consiste na persistência da condição de periferia, dependência e destruição gradual da floresta, fortalecida pela constante disputa pela terra. Como cenário alternativo podemos mencionar a valorização da prática de uma economia sustentável, que minimize a desigualdade social e a destruição acelerada da floresta.

Por fim, diante do quadro de desigualdade social presente na Amazônia, a teoria crítica nos conduz a uma série de problemas fundamentais do destino humano. Nos estimula a desenvolver a habilidade de compreender nossos problemas essenciais, através da capacidade de enfrentar as incertezas e de encontrar os meios que nos ajudam a ter consciência da existência de um futuro incerto que, ao mesmo tempo, nos incentiva a ter coragem e esperança para facilitar o diálogo entre todos os grupos sociais com o intuito de transformar as estruturas de dominação, exploração e exclusão.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. 3 ed. Manaus: Valer, 2006.

BECKER, Bertha. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1998.

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. In: **Revista Espaço e Cultura**. N. 23. Rio de Janeiro: UERJ, jan/jun de 2008.

CAMPOS, Simone Martinoli Madeira. **O Estado Brasileiro e o processo de produção do espaço no Acre**. Rio Branco: 2004.

COSTA, Selda Vale. **Por rios amazônicos:** conversas epistolares com Nunes Pereira. In: BASTOS, E. R.; PINTO, R. (Orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre pensamento social brasileiro*. Manaus: EDUA, 2007.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Estado, planejamento e produção do espaço amazônico:** Crítica, autocrítica e perspectiva para o futuro (Palestra proferida ao Ciclo de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2011.

CRUZ, Valter do Carmo. R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia. In: **Revista Terra Livre**. Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

FLEICSHFRESSER, Vanessa. **Amazônia:** Estado e Sociedade. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados), 2006.

FREITAS, M.C. A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo. In: BASTOS, E. R.; PINTO, R. (Orgs.). **Vozes da Amazônia:** investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: EDUA, 2007.

_____. Einstein e a Amazônia diálogos com a estética de vida. In: FREITAS, Marcílio de; SILVA, Marilene Côrrea de; BASTOS, Marcus (Orgs.). **Diálogos com a Amazônia**. Manaus: Valer, 2010.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Geografando:** nos varadouros do mundo – da territorialidade seringalista a territorialidade seringueira ou do seringal a reserva extrativista. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

_____. **Amazônia, Amazônias**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

OLIVEIRA, José Aldemir. Mil e uma viagens. In: PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Viagens das idéias**. 2.ed. Manaus: Valer, 2008.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Viagens das idéias**. 2.ed. Manaus: Valer, 2008.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. In: **Revista Terra Livre**. Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

RAMPAZZO, S. E. A questão ambiental no contexto do desenvolvimento econômico. In: BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento sustentável:** Necessidade e/ou possibilidade?. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Manaus: Valer, 2001.